










BETWEEN CHRONOS AND KAIROS: The journey of the Soul



ENTRE CRONOS E KAIROS: A jornada da Alma

BUENO, Samuel José Alves; TOMAZ, Ana Caroline de Brito Evangelista; SCHILIEPER, Mariana Della Mura Jannini; RABELO, Elizabeth Avelino; OLIVEIRA, Ana Francisca; SOUSA, Vanessa de; MACHADO, Silvio Memento; BUENO, Flaviana Neias; REZECK, Fábio

-  **Samuel José Alves Bueno**, UNIFENAS, Brasil
-  **Ana Caroline de Brito Evangelista Tomaz**, UNIFENAS, Brasil
-  **Mariana Della Mura Jannini Schlieper**, UNIFENAS, Brasil
-  **Elizabeth Avelino Rabelo**, UNIFENAS, Brasil
-  **Ana Francisca Oliveira**, UNIFENAS, Brasil
-  **Vanessa de Sousa**, UNIFENAS, Brasil
-  **Silvio Memento Machado**, UNIFENAS, Brasil
-  **Flaviana Neias Bueno**, UNIFENAS, Brasil
-  **Fábio Rezek**, UNIFENAS, Brasil

ABSTRACT: The present work is the result of a theoretical articulation based on the concepts of Time and Soul, based on the meeting of literatures in the areas of Philosophy, Sociology, Judaism with emphasis and deepening in Analytical Psychology. Here there is a theoretical articulation carried out through a qualitative methodological approach. The study was conducted taking into account: Bibliographical Survey, Theoretical Framing and Analysis and Synthesis. Talking about the Soul means dialog with interiority. Talking about temporality is establishing a connection between interior and exterior. A factor that supports the motivation for this work is the contemporary dynamics that relegate issues relating to the inner human world to secondary (and even tertiary) levels. This article begins by dealing with the theme of Time, seeking conceptual refuge in the creation myths of Greek cosmogony, which are narratives that reflect human concern about the genesis of the universe and what resides in it. In this source there is time represented by Cronos, which refers to a devouring instance, while Kairós assumes a different condition, called Unexpected Time, chance and opportunity. Contemporary liquidity has been an opportunity for individuals to discover and rediscover themselves. However, the Soul cannot be accelerated. Existential anxiety suffers from the impossibility of rushing the river, as it flows alone. The Soul needs Time. In the arduous and constant task of searching for oneself, the individual relates to their Soul, cultivating it, at the same time as they are cultivated by it.

KEYWORDS: Psicologia Analítica. Alma. Tempo. Temporalidade. Individuação.

RESUMO: O presente trabalho consta do resultado de uma articulação teórica assentada nos conceitos de Tempo e Alma, assentando o encontro de literaturas nas áreas da Filosofia, Sociologia, Judaísmo com ênfase e aprofundamento na Psicologia Analítica. Aqui tem-se uma articulação teórica realizada pelo enfoque metodológico qualitativo. O estudo foi conduzido levando em consideração: Levantamento Bibliográfico, Enquadre Teórico e Análise e Síntese. Tratar de Alma é tratar de interioridade. Tratar da temporalidade é estabelecer uma conexão entre interior e exterior. Um fator que endossa a motivação deste trabalho é a dinâmica contemporânea que relega a planos secundários (e até terciários) as questões

Revista Científica da UNIFENAS
Universidade Professor Edson Antônio Velano, Brasil
ISSN: 2596-3481
Publicação: Mensal
vol. 6, nº. 2, 2024
revista@unifenas.br

Recebido: 13/03/2024
Aceito: 14/03/2024
Publicado: 18/03/2024

URL: <https://revistas.unifenas.br/index.php/revistaunifenas/issue/view/48>

DOI: [10.29327/2385054.6.2-13](https://doi.org/10.29327/2385054.6.2-13)

relativas ao mundo humano interior. Este artigo se inicia tratando da temática do Tempo, buscando refúgio conceitual nos mitos de criação da cosmogonia grega, os quais são narrativas que traduzem a inquietação humana sobre a gênese do universo e daquilo que nele reside. Nessa fonte há o tempo representado por Cronos, que remete a uma instância devoradora, enquanto Kairós assume uma condição diferente, ado Tempo inesperado, do acaso e da oportunidade. A liquidez contemporânea tem sido uma oportunidade para que o indivíduo se descubra e redescubra. Todavia, a Alma não pode ser acelerada. A ansiedade existencial sofre com a impossibilidade de apressar o rio, uma vez que este corre sozinho. A Alma precisa do Tempo. Na árdua e constante tarefa de buscar a si mesmo, o indivíduo relaciona-se com a sua Alma, cultivando-a, ao mesmo Tempo em que é cultivado por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Analítica. Alma. Tempo. Temporalidade. Individuação.

1 INTRODUÇÃO

Eu vi um menino correndo.
 Eu vi o tempo brincando ao redor do
 caminho daquele menino
 Eu pus os meus pés no riacho. E acho
 que nunca os tirei
 O sol ainda brilha na estrada e eu nunca
 passei
 Eu vi a mulher preparando outra pessoa
 O tempo parou pra eu olhar para aquela
 barriga
 A vida é amiga da arte. É a parte que o
 sol me ensinou
 O sol que atravessa essa estrada que
 nunca passou
 Eu vi muitos cabelos brancos na fronte
 do artista
 O tempo não para e no entanto ele nunca
 envelhece
 Aquele que conhece o jogo, do fogo das
 coisas que são
 É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é
 o chão [1].

Os versos de Caetano Veloso que ganharam vida nas vozes de Roberto Carlos e Gal Costa inauguram as linhas deste trabalho. A canção traz a narrativa de um indivíduo que viu e viveu, metaforizando presente e passado por meio da ressignificação deste e glorificação daquele. O poeta aqui está mais preocupado com o afeto do que com a vivência do relógio. Ao molhar e não tirar os pés do riacho, finca a sua a existência na fluidez. Fugindo de certezas, buscando apenas o caminho sob o sol.

As palavras escolhidas pelo compositor investido de poeta retratam a jornada pessoal de uma alma. E jornada pressupõe temporalidade. O propósito

deste artigo é tratar da relação que a Alma estabelece com o Tempo usando como referencial a percepção sobre a temática oferecida pela Psicologia Analítica. O que justifica a realização deste trabalho, além da pertinência atemporal do tema, é a possibilidade de contribuição para a literatura psicológica, bem como proporcionar abertura de reflexões posteriores.

Tratar de Alma é tratar de interioridade. Tratar da temporalidade é estabelecer uma conexão entre interior e exterior. Um fator que endossa a motivação deste trabalho é a dinâmica contemporânea que relega a planos secundários (e até terciários) as questões relativas ao mundo humano interior. As demandas econômicas e materiais ocupam a dinâmica existencial do indivíduo contemporâneo. Os fatos e narrativas ocupam o lugar do sentido e significado.

Assim, este texto inicia tratando da temática do Tempo, buscando refúgio conceitual nos mitologemas clássicos. Em seguida, busca-se discorrer sobre a Alma e o seu enlace na realidade material e metafísica, tendo apoio em literaturas filosóficas, sociológicas e da Psicologia Junguiana. Por fim, este artigo busca elaborar uma síntese da dinâmica da Alma com o Tempo na contemporaneidade.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma articulação teórica realizada pelo enfoque metodológico qualitativo. O estudo foi conduzido levando em consideração: Levantamento Bibliográfico, Enquadre Teórico e Análise e Síntese. O levantamento bibliográfico consistiu em uma pesquisa a partir dos conceitos de Alma e Tempo, assentando o encontro de literaturas nas áreas da Filosofia, Sociologia, Judaísmo com ênfase e aprofundamento na Psicologia Analítica. Com base no levantamento bibliográfico foram feitas a discussão e a articulação entre os pressupostos e os vários enfoques presentes na pesquisa. Por fim, munido dos elementos construídos das etapas anteriores, partiu-se para a produção da síntese aqui apresentada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ah, o Tempo. Esta instância invisível que deixa marcas na face e também na alma. Instância que provoca muitas inspirações, paixões e marcas na face do Homem. Mas, o que é o Tempo? Vários pensadores ao longo da história das humanidades debruçaram-se sobre este tema.

Agostinho de Hipona, grande filósofo medieval em sua autobiografia intitulada Confissões revela: “Se alguém me pergunta, eu o sei. Mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada” [2]. O filósofo cristão não via o tempo como algo dotado de objetividade, sendo considerado por ele como algo subjetivo, sendo por isso tratado como algo relacionado ao itinerário do espírito ou da alma.

Enquanto projeto tipicamente grego, a Filosofia emerge da mitologia na tentativa de fornecer uma explicação racional sobre os fenômenos. Todavia, os mitos de criação também buscam resolver a problemática do enlace do Tempo com a existência. A mitologia grega oferece vários condutores para pensarmos o objeto deste trabalho. Enquanto integrante das civilizações clássicas, a Grécia é uma importante fonte de narrativas mitológicas [2].

Pode-se compreender os mitos de criação como narrativas que traduzem a inquietação humana sobre a gênese do universo e daquilo que nele reside. Os mitos são elementos da história da humanidade e constituem-se expressão do imaginário humano. Ademais, além de evocar a participação do humano na esfera do sagrado, são poderosos instrumentos na compreensão dos processos da psique por seu caráter revelador de imagens arquetípicas atualizadas para a civilização da qual emergem [3, 4].

Isto posto, segue-se considerações sobre o mito olímpico que envolve Cronos e Kairós na perspectiva apresentada por Campbell [5] e Graves [6]. Este autor relata que Cronos é o mais jovem entre sete filhos da união de Urano e Geia. Urano lançou os filhos gerados ao Tártaro, exilando-os no mundo subterrâneo. Geia, aqui simbolizando a Mãe-Terra, engendrando vingança convence os filhos a revidar o pai. Liderando os filhos, Cronos castra o pai com uma foice de pedra, arma concedida pela mãe. Os irmãos, agora alforriados do Tártaro delegam a Cronos a soberania do mundo.

Portanto, conforme Graves [6], após a morte do pai, Cronos assume a regência do mundo e toma Reia, sua irmã, como esposa. Contudo, Geia, a Mãe-Terra, havia profetizado que Cronos seria destronado por um de seus filhos. Diante do prenúncio materno Cronos passa a engolir as crianças concebidas por Reia. Assim foi com Héstita, Deméter, Hera, Hades e Poseidon. O último filho concebido, Zeus, foi levado pela sua genitora a um local distante e protegido, de modo que Cronos não pudesse encontrá-lo.

Crescido, Zeus foi encontrar a mãe Reia e, ocupando a função de copeiro de Cronos como uma espécie de cumprimento da profecia, serviu uma bebida emélica ao pai que, após tomar todo o líquido, vomitou todos os irmãos de Zeus. A narrativa mitológica empenhada por Graves [6] traz que os irmãos agradecidos e confiantes pela libertação promovida por Zeus, o alçaram a líder da guerra a ser travada contra os titãs regidos por Atlas. Após uma década de batalhas, Zeus termina vitorioso. Este êxito bélico é o símbolo do destronar de Cronos e da coroação de Zeus como imortal e grande chefe do Olimpo [5].

Destarte, a tradição cosmogônica grega transfere para Cronos a representação do fluxo do tempo, tempo este compreendido pela percepção humana como linear e quantitativo. É o tempo que se pode medir. Com a licença poética que este trabalho implica, Cronos representa o tempo “cronológico” presente na dinâmica cotidiana de cada um [5].

Todavia, os gregos antigos também utilizavam outra poderosa denominação para o Tempo: Kairós. Para compreender sobre a origem de Kairós, o raciocínio deve permanecer dentro da conjuntura divina olímpica. A mitologia grega, aqui embasada no que foi apresentado por Sabóia

[7] traz a genealogia de Kairós como fruto da relação entre Zeus e Tykhé. Tykhé é tida como a deusa da fortuna e da prosperidade e o fruto da sua união com o líder do Olimpo foi um jovem que possuía asas nos calcanhares e portava nas mãos uma balança e uma navalha.

Outra descrição narrada por Sabóia [7] sobre Kairós é que esta divindade era calvo na parte anterior do crânio, tendo na sua frente uma mecha de cabelos. A partir da descrição fenomenológica de Kairós, pode-se elucubrar que Kairós simboliza a fugacidade do tempo por meio da disposição dos seus cabelos, uma vez que o capturar por meio deles era dificultoso, e das asas que impunham a ele uma grande velocidade. A disposição da balança e da navalha nas suas mãos implicam a subjetividade na tomada de decisões ao longo da existência. O conteúdo simbólico trazido por Kairós reside na ocasionalidade e na oportunidade em encontrá-lo ou aprendê-lo.

Trazendo aqui uma síntese sobre as representações entre Cronos e Kairós, pode-se afirmar que o dualismo conceitual dos gregos pode, a princípio, parecer opositor: de um lado o espectro de Cronos como o ditador quantitativo do tempo, sob o qual somos regidos temendo ser devorado de modo implacável por ele; por outro, a lógica de Kairós traduz uma relação com o tempo que não pode ser mensurada, uma relação na qual a oportunidade de “agarrá-lo pelos cabelos” acontece quando ele se põe disponível ao homem. Filho da fortuna, Kairós traduz-se na ocasião de afortunamento [5].

Contudo, pode-se fazer uma análise para além desse princípio opositor, na qual Cronos e Kairós são postos como aliados, uma vez que a dinâmica existencial nos coloca como súditos reais de Cronos que anseiam por uma oportunidade de transformação. “Vivências não têm duração. Elas ocorrem no presente. A experiência, por sua vez, precisa de muito tempo – ela tem memória – e ela se projeta sobre o futuro. [6. p. 103]. Nas palavras de Jung [9. §67], “a vida não é só ontem nem fica explicada quando se reduz o hoje ao ontem. A vida também é amanhã; só compreendemos o hoje se pudermos acrescentá-lo àquilo que foi ontem e ao começo daquilo que será amanhã”.

A respeito desta relação etimológica dos gregos com a ideia de Tempo, é possível trazer luz e refletir que o tempo apresentado por Cronos remete a uma instância devoradora, enquanto que Kairós assume a posição do Tempo inesperado, do acaso e da oportunidade.

Sobre as inquietações que o Tempo provoca no imaginário humano, vê-se que o Tempo tem a capacidade de unir o conhecido e o desconhecido (ou ainda não conhecido). Assim, o Tempo vira um símbolo e pensar a temporalidade no nível simbólico é a ponte para associarmos o Tempo com a Alma. A consciência do Tempo que o indivíduo possui vem da relação que a Alma estabelece com aquela instância. Joyce Werres [3] ao analisar a dinâmica puer-senex (puer enquanto compreensão da dinâmica infantil e senex como o conjunto de possibilidades da vida adulta) na contemporaneidade pontua que “[...] é importante metaforizar o tempo e levar em conta as estações da alma. O tempo do plantio e o tempo de colheita, o tempo de florescer e o tempo de amadurecer, o tempo de viver para fora e o tempo de viver para dentro.” [3. p. 98].

Conceituar Alma é um elemento primordial para este trabalho, contudo não é uma tarefa simples. A

complexidade aqui reside no fato de que, assim como o Tempo, a Alma também foi objeto de especulação de vários pensadores ao longo da história das humanidades. Vários pensadores clássicos já se inquietavam com a ideia de que além do componente biológico, havia algo metafísico na estrutura humana. Sócrates, Platão e Aristóteles teorizaram, cada um à sua maneira, sobre este elemento constitucional do Homem. Platão, o pioneiro na teorização da metafísica afirma que o homem é portador de uma alma tripartite: a alma apetecível, responsável pelos desejos relativos aos desejos instintivos; a alma colérica, cuja atividade resulta na defesa e sobrevivência do corpo; e a alma racional, superior e guia das outras instâncias anímicas [2]. Com o advento do medievo, as humanidades ganharam um teor religioso. A teologia passou a ser considerada a ciência primeira e a tentativa de conciliação entre fé e razão foi o marcador na área do pensar por quase um milênio. Neste contexto, a alma era vista como um elemento sublime, mais importante que o corpo, e o instrumento para se alcançar a salvação[2]. Já no modernismo, o modelo cartesiano rompe com este paradigma: o dualismo proposto por Descartes reinaugura uma separação entre alma e corpo. A dicotomia cartesiana expressa o lançar de uma pedra fundamental que contribui para a atual compreensão da mente humana. É na modernidade que o espírito científico introduz novas interpretações sobre o homem e as questões concernentes a ele [2].

Como este trabalho corre na esteira da Psicologia Analítica, faz-se mister o olhar de Carl Jung [10] para a noção de alma. Olhar este desinvestido de elementos racionais e prenhe de simbolismo que busca traduzir a natureza da alma, inserindo-a num diálogo entre o indivíduo e o mundo. “A alma é a experiência direta de nosso ser e existir. Ela é para si mesma a experiência única e direta e a *conditio sine qua non* da realidade subjetiva do mundo em geral” [10. § 344].

Carl Gustav Jung [9, 11] centrou sua preocupação no diálogo entre consciente e inconsciente. Tal relação dialógica permite a integração de conteúdos do mundo interior para a consciência, e este impulso criativo permite a busca de uma totalidade para a psique. Etimologicamente, psique remete a alma e espírito, e o trabalho de Jung tendeu a lidar com a ideia de alma para além daquelas concepções fornecidas tanto pela religião quanto pela ciência moderna que a religião oferece.

Esse revalorizar do termo Alma proposto pela Psicologia Analítica não tem a pretensão de delimitar concisamente tal termo. O próprio Jung [11] considera ser impossível compreender a essência do termo Alma, na medida em que a investigação psicológica não conseguiu retirar os véus que cobrem a alma. A impossibilidade deste

desvelar dá-se na medida em que a alma é, por vezes, obscura e inacessível. “A alma é a parte viva do ser humano, aquilo que vive de si mesmo e que causa vida” [8. p.7]

Deste modo, Jung [11] acena com a possibilidade de compreensão da Alma como algo vivo e pulsante. Em uma simbiose com o corpo, a Alma enche de vida a nossa existência. Em uma de suas especulações sobre a Alma na sua obra *Natureza da Psique*, Jung [11] sinaliza a alma como força criadora: “Com sua astúcia e seu jogo de ilusões a alma seduz para a vida a inércia da matéria que não quer viver. Ela convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida.” [11. §56].

Outro autor que lança olhar sobre o conceito de Alma é James Hillman, psicólogo americano pós-junguiano e fundador do conceito de psicologia arquetípica. Hillman [12] inova ao propor uma fuga da tendência de racionalização sobre a alma. Ao contrário, promove a ideia de que a Alma seja imaginada, uma vez que ela é, por natureza, indefinível e avessa ao intelecto.

“‘alma’ refere-se à transformação, ao aprofundar-se, dos eventos em experiências; em segundo lugar, o significado que a alma torna possível, tanto em termos de amor quanto de inquietação religiosa, vem de sua relação especial com a morte. E terceiro, por ‘alma’ quero implicar as possibilidades de imaginação presentes em nossa natureza, experiência através de especulação reflexiva, sonho, imagem e fantasia, aquela modalidade que reconhece toda a realidade como principalmente simbólica ou metafórica” [13. p.39].

Assim, Hillman [12] acredita que a Alma é algo que envolve o indivíduo e a sua existência. Propor um aspecto imaginativo para abarcar a alma é o movimento desse autor para não conferir àquela uma noção de substância, mas sim de metáfora. A partir das conceituações acima, é permitido afirmar que tratar de alma significa tratar de vida, tratar de existência, tratar de existir em uma realidade temporal e atemporal. E, no itinerário existencial, a alma entra em contato com a realidade. Viver é permitir que a alma seja ativada, alimentada, confrontada. A alma é o elo entre a natureza interior e exterior [8].

Não há de se perder de vista que a Alma, uma vez lançada na história, inicia uma jornada. E a jornada da Alma, vista enquanto um caminhar processual, necessita de Tempo. Tempo de Cronos e tempo de Kairós. A sabedoria bíblica nos diz:

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de

guardar, e tempo de lançar fora; Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz” [14].

Faz-se mister aqui pontuar que o tempo de Kairós, apesar do caráter imponderável que o sustenta, se manifesta no Presente. De modo a romper com as noções temporais de Cronos, o tempo de Kairós perpassa por passado e futuro, vai além destas categorias e ergue-se no momento Presente. Na liquidez contemporânea, a alma estabelece uma relação singular com o Tempo. Relação esta cujo desenlace influi diretamente na relação entre o mundo interior e mundo exterior. O momento atual pede aceleração das coisas, praticidade e liquidez, estas são as marcas da modernidade líquida [15].

Um grande contribuinte para a compreensão da contemporaneidade foi Zygmunt Bauman, pensador polonês que sintetizou a condição humana atual no conceito de modernidade líquida. A metáfora aqui vem em contraponto ao estilo de vida do período moderno, marcado por uma rigidez (modernidade sólida) na relação com dispositivos sociais. O mercado, o Estado, a Igreja e o indivíduo eram instâncias sólidas e estáveis. O mundo contemporâneo foi palco do derretimento de tais instâncias. [15].

A partir da ideia de que tudo que é sólido desmancha no ar, o homem atual vive o fim das grandes metanarrativas. Certezas foram substituídas por inconstâncias. Nada possui forma e duração definidas. Tudo é moldável e adaptável de acordo com a dinâmica externa. O imediatismo substitui o planejamento a longo prazo. A convivência com o outro fundada em uma comunidade real cedeu lugar a conexões rápidas e transitórias entre os indivíduos. [15].

Bauman [15] tece sua crítica sobre a contemporaneidade a partir de uma perspectiva pessimista da realidade. Sua matriz teórica marxista o coloca como um observador crítico do movimento contemporâneo que busca o efêmero. Contudo, pode-se amplificar o pensamento de Bauman na tentativa de buscar um olhar mais positivado sobre o que cerca o hodierno. A liquidez contemporânea tem sido uma oportunidade para que o indivíduo se descubra e redescubra. Resignifique o seu sentido existencial e, por conseguinte, reestabeleça ou tonifique a sua relação com o mundo anímico. O mundo líquido ofertado por Bauman [15] também pode ser o espaço para a desconstrução de Cronos e o despertar de Kairós.

Destarte, a Alma não pode ser acelerada. A ansiedade existencial sofre com a impossibilidade de apressar o rio, uma vez que este corre sozinho. A Alma precisa do Tempo. “Precisamos de tempo para parar por um instante: não horas ou dias, mas

o bastante para perceber, para levar a sério a reação interior ao relacionamento com outras pessoas e com o mundo” [8. p. 87].

Poeticamente, Alma precisa ser cultivada. Mas como cultivar algo metafísico? Aqui nasce o convite para transcender a visão limitada da racionalidade e mergulhar no universo rico da Alma, onde a imaginação, o sentimento e a intuição florescem. É um convite a abandonar a lógica rígida e fria e nos conectar com a nossa essência mais profunda. Um convite a dançar com a Alma: A dança da alma é uma expressão livre e autêntica do nosso ser, é quando nos permitimos sentir, mover e criar sem julgamentos ou restrições. Através da dança da Alma, conectamo-nos com a nossa fonte interior e celebramos a vida em sua plenitude [8].

De tal modo, cultivar a Alma é um dos pressupostos do processo de individuação. Por individuação, a Psicologia Analítica considera a nossa jornada individual em busca de sermos quem nós nascemos para ser. Individuação é sinônimo de buscar ser cada vez mais a si mesmo [16,17]. Assim, na árdua e constante tarefa de buscar a si mesmo, o indivíduo relaciona-se com a sua Alma, cultiva-a ao mesmo Tempo em que é cultivado por ela. Alma está inserida na temporalidade, a possibilidade de entendimento desta relação não pode ser encerrada. A Alma entrelaça-se ao tempo, e o Tempo não para, e mesmo assim, nunca envelhece [8,17].

4 CONCLUSÃO

O Coelho Branco, retratado por Lewis Carroll em Alice no País das Maravilhas [18], é a metáfora da existência atual: sempre atrasado, olhando para o relógio, bravando “É tarde! É tarde! É tarde!” O Coelho Branco, escravizado pelo tempo (de Cronos), vive de modo superficial, não tendo a oportunidade de um encontro consigo mesmo, nem com a possibilidade de ‘dançar com a sua Alma’. Em muitos momentos, Cronos nos devora. É na relação com a Alma que Kairós nos aproxima de quem realmente somos. Ainda sobre o Tempo, Caetano Veloso [19] eleva sua prece em Oração ao Tempo:

“Tempo, tempo, tempo, tempo. És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho. Vou te fazer um pedido, compositor de destinos, tambor de todos os ritmos. Ouve bem o que te digo: por seres tão inventivo e pareceres contínuo és um dos deuses mais lindos. Que sejas ainda mais vivo no som do meu estribilho. Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso quando o tempo for propício, de modo que o meu espírito ganhe um brilho definido e eu espalhe benefícios. O que usaremos para isso fique guardado em sigilo apenas contigo e comigo. E quando eu tiver saído para fora do teu círculo não serei nem terás sido. Ainda assim acredito ser possível reunirmo-nos num outro nível de vínculo. Portanto, peço-te aquilo e te ofereço elogios nas rimas do meu estilo: Tempo, tempo, tempo, tempo” [19].

A temporalidade e o Tempo podem ser expressados de diversas maneiras. O pêndulo do relógio, o caminhar do sol

da nascente ao poente, o cair da areia na ampulheta são alegorias que transmite a ideia de que a existência é permeada pela temporalidade. Seja no frescor da pele pueril, seja nas rugas senis. Seja no ímpeto juvenil ou na prudência do idoso. Seja vivido objetivamente ou subjetivamente, o Tempo só se cristaliza pela consciência vivencial. É na vivência humana que o Tempo se concretiza. A nossa vivência na história é guiada pela tendência à eternidade. Entretanto, os ciclos da vida desvelam a percepção da sua finitude. O passado da Alma. O presente da Alma. O futuro da Alma. A alma precisa de Tempo para ganhar brilho definido. O Tempo oferece à Alma o perceber, o pensar e o sentir. Nas palavras de Cecília Meirelles [20] em *Motivo*: “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. (...) Irmão das coisas fugidias, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento.” [20. p. 13]. Assim como para a poeta (e para todos) o instante (Tempo) traz completude para a Alma.

Encerra-se assim essa articulação teórica, que na verdade pode ser interpretada como uma ode à relação Tempo e Alma. Apesar disso, ainda há possibilidade para novos olhares para essa relação. O objetivo desse trabalho não se esgota no ponto final desse parágrafo. Pensando na liquidez contemporânea [15], há de se cuidar para que a Alma, prenhe de Tempo, não caia em obsolescência. Sem relação com a Alma não há como deixar marcas profundas na temporalidade.

REFERÊNCIAS

- [1] VELOSO C. *Força Estranha*. Em G. Costa, Gal Tropical. Rio de Janeiro: Philips; 1978.
- [2] REALE G., ANRISERI D. *História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias*. 6. ed. São Paulo: Paulus; 2003. V.III.
- [3] WERRES J. *Jung e os desafios contemporâneos*. Petrópolis: Vozes; 2019.
- [4] VON FRANZ M. *Mitos da Criação*. Petrópolis: Vozes; 2003.
- [5] CAMPBELL J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- [6] GRAVES R. *Mitos Gregos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- [7] SABÓIA IB. *Cronos e Káiros: reflexões sobre temporalidade laboral e solvência social*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades, 2007. Dissertação de Mestrado.
- [8] KAST V. *A alma precisa de tempo*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- [9] JUNG CG. *Psicologia do Inconsciente*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
- [10] JUNG CG. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- [11] JUNG CG. *A Natureza da Psique*. 10 ed. - Petrópolis: Vozes, 2013
- [12] HILLMAN J. *Cidade & Alma*, São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- [13] HILLMAN, James. *Re-imaginar la psicología*. Madrid: Ediciones Siruela, 1999
- [14] Bíblia Online [bibliaonline.com.br]. *Eclesiastes 3: 1-8*. [acesso em 03 mar 2024]. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ec/3/1-8>.
- [15] BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- [16] JUNG, Carl. G. *A Energia Psíquica – Volume 8/1*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- [17] JUNG G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- [18] CARROL L. *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- [19] VELOSO C. *Cinema Transcendental*. Rio de Janeiro: Philips, 1979
- [20] MEIRELES, Cecília. *Viagem*. 2. ed. São Paulo: Global, 2012.